

Sinuca de bico na linha sucessória

Insistência do PT na desincompatibilização pode levar um nome de oposição ao comando do governo nos últimos seis meses de 1998

Alexandre Botão
Da equipe do *Correio*

Quem vai governar o Distrito Federal entre julho e dezembro do ano que vem? A resposta mais lógica seria Cristovam Buarque, que tem mandato até o final de 1998. Mas no meio dessa lógica há uma palavra enorme, de proporções maiores ainda: desincompatibilização. Que significa basicamente o seguinte: deixar o cargo que ocupa para ser candidato em uma nova eleição.

No caso do governador Cristovam Buarque, deixar o Palácio do Buriti para ser candidato, ou à reeleição, ou à Presidência da República.

Certo mesmo é que Cristovam não estará no cargo depois de julho. Se for enfrentar o presidente Fernando Henrique em uma eleição nacional, a lei eleitoral obrigará o governador a se desincompatibilizar. No caso de tentar mais quatro anos no Buriti, não há lei que o impeça de continuar em sua cadeira. Mas Cristovam já decidiu que o melhor é sair.

E ele tem um bom motivo: o PT, que sempre foi contra a reeleição, está tendo dificuldades em aceitar a novidade. Sem desincompatibilização, então, seria uma tragédia: "Eu acho que a desincompatibilização é uma diferença importante que o PT pode estabelecer em relação a outras candidaturas à reeleição", atestou o secretário de Governo do Distrito Federal, petista de carteirinha, Swedenberger Barbosa.

E o próprio Cristovam já disse a amigos — petistas ou não — que pretende deixar o cargo para disputar a eleição, mesmo que seja para governador. Ao *Correio Braziliense*, na sexta-feira à tarde, ele não foi tão explícito, mas deu a deixa: "Apesar de a lei não obrigar, em princípio, eu acho que é melhor a desincompatibilização".

LUÍZ ESTEVÃO

E aí começa o problema do governador e seu partido. Se Cristovam sair em julho, quem assume é a vice-governadora, Arlete Sampaio. Mas há integrantes de uma ala do PT que têm calafrios ao imaginar uma chapa com Cristovam e sem Arlete. Para que a vice-governadora possa repetir a dobradinha nas eleições de 1998 ela também precisaria desincompatibilizar-se, e seis meses sob o comando do governo cairiam no colo da presidente da Câmara Legislativa, a deputada distrital Lúcia Carvalho, também do PT.

Essa hipótese é a menos provável. Primeiro porque Lúcia já disse que se for a governadora entre julho e dezembro — por decisão do partido —, não vai disputar um novo mandato na Câmara Legislativa. E ela não quer trocar a chance de mais quatro anos como deputada por seis meses de governo. Depois porque caso Lúcia Carvalho vá mesmo para o Buriti, acabará deixando a presidência da Câmara para o seu vice: ninguém mais que o deputado Luiz Estevão, do PMDB. "Interessa ao PT, à Frente Brasília Popular, o Luiz Estevão como presidente da Casa em um período tão importante?", provocou Lúcia.

MUITO CHATO

A *petíssima* trindade deste ciclo (Cristovam, Arlete e Lúcia) bate na mesma tecla: o partido só vai decidir a questão em fevereiro. Mas, de acordo com dois importantes integrantes do PT, a decisão já foi tomada. Cristovam sai candidato à reeleição e Arlete fica no governo de julho até dezembro.

Tudo indica que é isso mesmo. Na quinta-feira, em conversa com o *Correio*, a vice-governadora voltou dar mostras de que sua disposição para ser vice se esgotou: "Eu acho muito chato ser vice-governadora de novo". Mas fez questão de frisar: "Entretanto eu vou fazer o que o partido decidir".

Mais que isso: com Arlete no go-

Eraldo Peres



Arlete Sampaio, entre Cristovam e Lúcia Carvalho, pode abrir mão de candidatura para evitar que o deputado Luiz Estevão (PMDB) assuma o governo

verno, o PT se *calça* com uma pessoa forte no comando enquanto Cristovam parte para a disputa eleitoral. E essa combinação de nomes e cargos ainda abre uma vaga na chapa majoritária, a princípio para um candidato do próprio PT, mas que pode sobrar para outro partido caso a Frente Brasília Popular ameace ruir.

E Arlete? Ficaria sem cargo a partir de 1999? Só se Cristovam não conseguir a reeleição. A atual vice poderia assumir a secretaria que bem quisesse no próximo governo no caso de nova vitória da Frente

Brasília Popular. "Eu quero é que a melhor chapa, a da Frente, seja eleita em 1998. Com ou sem Arlete", resumiu a própria vice-governadora.

PRESIDÊNCIA

Esse cenário com Cristovam candidato, Arlete no governo até dezembro e um outro vice na chapa só desmorona se o governador for alçado à condição de candidato à presidência da República, como sugeriu mais uma vez, na sexta-feira, o presidente do PSB, Miguel Arraes.

Aí Cristovam abandonaria o bar-

co e Arlete seria a candidata do PT ao governo em 1998. E a questão da desincompatibilização iria para o espaço. Porque nesse caso não há solução que resolva o dilema do PT entre ética e conveniência. Ou Arlete sairia para a campanha, deixando o governo para Lúcia e a presidência da Câmara para Luiz Estevão. Ou ela seria candidata sentada na cadeira de governador, o que desmontaria todas as teorias petistas.

Mas, por enquanto, Cristovam ainda diz que para a Presidência ele é Lula desde criancinha: "Dentro do

meu partido continuo defendendo o nome dele". Por outro lado, em relação ao assédio de Miguel Arraes, o governador mostrou que se deixarem é com ele mesmo: "Claro que me envaidece. É um reconhecimento ao governo que estou fazendo aqui no Distrito Federal", comentou.

Só que uma candidatura nacional não depende de Arraes e Cristovam sabe disso: "Eu sou do PT. E se meu partido decidir que sim, aí então eu vou", completou. Essa, sim, é uma decisão que só deve sair depois do Carnaval.